

# **Homossexualidades masculinas e cidade pequena**

*Male homosexualities and a small city*

**Anderson Ferrari**

*Historiador, Educador, Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora  
aferrari13@globob.com*

**José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa**

*Professor do Conservatório Lia Salgado, Leopoldina/MG  
jgcvb@zipmail.com.br*

10

## Resumo

Quem é o homossexual e que lugar ocupa numa sociedade do interior do Brasil? Partindo desta questão de pesquisa, no campo das Ciências Políticas, focamos nossas análises no entendimento da realidade como uma construção discursiva, assumindo como objetivo central deste artigo a problematização de como esses sujeitos são capazes de falarem de si, de elaborarem conhecimentos sobre si mesmos e sobre suas práticas, atribuindo lugares às homossexualidades e aos homossexuais na relação com a cidade. Para isso, optou-se pelo caminho sinuoso das pesquisas pós-estruturalistas, a partir da problematização da construção discursiva das subjetividades de habitantes de Leopoldina que assumem socialmente a orientação homossexual, embasadas nos estudos do francês Michel Foucault.

Palavras chaves: Homossexualidades. Subjetividades. Cidades Pequenas.

## Abstract

Who are the homosexuals and which are the places they occupy in a society in the hinterland of Brazil? Based on this research question, in the field of Political Science, we focused our analyses on the understanding of reality as a discursive construction and assumed, as the main goal of this article, the problematization of how these individuals are capable of talking about themselves and of elaborating knowledge about themselves and their practices, assigning places to the homosexualities and to the homosexuals in their relationship with the city. For that purpose, we elected the winding path of the post-structuralism research, based on the problematization of the discursive construction of the subjectivities of the inhabitants of Leopoldina - a city in the state of Minas Gerais - who socially assume a homosexual orientation, by considering Michel Foucault's studies.

Keywords: Homosexualities. Subjectivities. Small City.

## Introdução

Quem é o homossexual e que lugar ocupa numa sociedade do interior do Brasil? Essa foi a questão central de um trabalho de mestrado em Ciências Políticas, desenvolvido entre os anos de 2009 e 2010 que teve como *locus* de investigação a cidade de Leopoldina, Minas Gerais. Este artigo, portanto, recupera os achados desta pesquisa no investimento de problematizar os processos de construção do sujeito homossexual num contexto específico, considerando que há diferenças desse investimento entre culturas e no interior da própria cultura.

A opção por estudar as relações entre cidade pequena e homossexualidades se baseou em alguns critérios. Primeiro, por uma razão prática, visto que era a cidade onde nasceu e vive um dos autores deste artigo. Outro fator que nos motivou foi dar voz e problematizar algo que percebíamos nas conversas informais e que se traduzia, em nós, num incômodo: a falta de estudos em torno de um certo “êxodo” dos homossexuais desta e demais cidades pequenas de interior para os centros cosmopolitas mais próximos como forma de vivenciar suas sexualidades. Além desses critérios, havia outro que nos incitava à pesquisa que era a constatação de que esse era um assunto inexplorado no local, estando muitas vezes relacionado a outros comportamentos como preconceito e vigilância, duas formas de lidar com as pessoas e com suas sexualidades em cidades menos cosmopolitas, onde seus habitantes circulam por espaços mais concentrados e se conhecem. Assim, Leopoldina constitui-se num laboratório privilegiado para perceber a ação dos “dispositivos disciplinares” na produção de “corpos dóceis” – homossexuais ou não – na perspectiva de Foucault<sup>1</sup>, onde a maioria das pessoas se conhece, e onde instituições como igrejas, família e escola mantêm sua força discursiva e disciplinar.

Feito esses esclarecimentos, este trabalho parte do entendimento de que homossexuais e homossexualidades são resultado de construção discursiva, o que significa dizer que não são essências. Assim, fala de relações de poder que estão presentes nos processos de subjetivação que são postos em circulação e negociação com outros conceitos, práticas e discursos, tais como gênero e outras sexualidades. Tomando a obra de Foucault (1988) como inspiração, podemos dizer que a homossexualidade foi um conceito inventado pelo discurso médico do século XIX em meio a um contexto de designação de

---

<sup>1</sup> Pensador francês do séc. XX, que é a principal referência teórica para esta pesquisa, Michel Foucault avalia que o período moderno é marcado pela ação dos “dispositivos disciplinares” sobre os corpos dos indivíduos, assujeitando-os. Dito de outra forma, família, escola, igreja, hospício ou prisão (instituições disciplinares) sequestram o sujeito para moldá-lo (produzindo “corpos dóceis”), de acordo com os interesses políticos e econômicos da sociedade burguesa capitalista.

diversas “anormalidades”. Um movimento discursivo que também servia para a construção da sua oposição, o que é “normal”, o heterossexual. Portanto, não entendemos o homossexual como uma espécie ou uma essência natural, mas uma criação cultural que traz embutida as necessidades morais e político-econômicas da sociedade burguesa. Desta forma, a palavra homossexual tem uma razão política de ser, uma data e local de nascimento.

Em função disso, falar das homossexualidades e dos homossexuais nos insere neste jogo político de desconstrução de imagens negativas e construção de algo mais positivo, no que diz respeito a essas construções. Ainda hoje, discutir essas questões numa cidade pequena do interior de Minas é difícil. As homossexualidades não são homogêneas assim como não são os tratamentos destinados a elas, o que não nos permite empregar o termo no singular, nos obrigando a utilizá-lo no plural. Elas serão atravessadas e determinadas por outras categorias como raça, idade, condição social, local de moradia, entre outras. Desta forma, ser homossexual, assumir ou não a homossexualidade na cidade do interior é bem diferente do que ocorre numa cidade grande. Isso nos colocava um primeiro desafio: lidar com o grupo pesquisado sem que isso se tornasse um complicador para ele na comunidade. Escolher estudar a questão, embora instigante e inusitado para Leopoldina, trazia o receio da polêmica e da identificação do sujeito com o objeto de estudo. A pesquisa nos colocou diante de algo muito marcante na nossa sociedade – a disciplina, a vigilância, o controle, o enquadramento – enfim, características que nos constituem como sujeitos, que nos marcam, que nos organizam, que nos convidam a problematizar: “*como nos tornamos isso que nós somos?*” (FOUCAULT, 1988).

Disciplina e vigilância que também é produtiva e que nos fazia desdobrar a questão central: até que ponto disciplina e vigilância imobilizavam os leopoldinenses? Quais as fugas, as resistências encontradas pelos homossexuais desta cidade pequena do interior de minas? Como disciplina, vigilância, fuga e resistência estão implicadas nos processos de constituição das subjetividades desses homossexuais? Questões que dialogavam entre si, no desenho da pesquisa e deste artigo, e que nos aproximavam da perspectiva foucaultiana e pós estruturalista. Trabalhando com entrevistas abertas, junto a um grupo de 8 homossexuais residentes na cidade de Leopoldina, estamos interessados em colocar em discussão a construção das homossexualidades a partir das histórias de vida de cada um: indivíduos do sexo masculino, de diferentes faixas etárias, etnias, formação escolar, classe social e posicionamento frente à orientação sexual.

Na linha das pesquisas qualitativas, assumimos a metodologia do grupo focal, que, segundo Powell e Single (1996), consiste em um “conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (GATTI, 2005, p. 7). E seu objetivo, de acordo com Morgan e Krueger (1993), é “captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos” (idem, p. 9). Kitzinger (1994) o distingue dos demais métodos por propiciar a “interação entre os participantes da pesquisa” (idem, p. 39), alegando ser este seu diferencial, que se fundamenta, não só “no que as pessoas pensam, mas em como pensam e porque pensam assim” (KITZINGER, apud, GATTI, 2005, p. 39).

Especificamente, realizamos encontros em que discutíamos as peculiaridades da vida cotidiana, processos de identificação, locais e tipos de encontro, educação, exclusões, fugas e possibilidades afetivas, empoderamento e participação política dos indivíduos homossexuais, tomando alguns filmes<sup>2</sup> como detonador do debate. Assim, as entrevistas no grupo focal foram organizadas com dois grupos de homens que se auto identificam como homossexuais. O grupo A constituiu-se de 5 indivíduos com idades entre 19 e 27 anos. O grupo B, de 3 indivíduos com idades entre 44 e 55 anos. A intenção era fazer um estudo comparativo ao optarmos por dois grupos de idades distintas: entender o que mudou nas últimas décadas, especialmente depois que a mídia passou a olhar mais positivamente para a homossexualidade, e que diferença faz a idade na relação consigo, com a cidade e com o tema.

Entendendo que a realidade é sempre uma construção discursiva, o objetivo central deste artigo é buscar problematizar como esses sujeitos são capazes de falarem de si, de elaborarem conhecimentos sobre si mesmos e sobre suas práticas, atribuindo lugares às homossexualidades e aos homossexuais na relação com a cidade. E “*conversa séria sobre sexualidade é inevitavelmente sobre sociedade*” (LAQUEUR, 1991, apud COSTA, 1995, p. 108), razão pela qual esta investigação se localiza no campo das ciências políticas e coloca em debate algo mais abrangente do que os processos de constituição das homossexualidades, isto é, a cultura.

---

<sup>2</sup> O grupo A assistiu ao filme “Trick” (Os segredos da paquera), do escritor Jason Schafer, dirigido por Jim Fall (EUA, 1999). O grupo B, a dois curta metragens: “Boys Grammar” (8 min.), do escritor Rozlyn Clayton, dirigido por Dean Francis (Australian Film Television, 2004); e “Quer morar comigo?” (16 min.) de Daniel Ribeiro, patrocinado pelo Programa Petrobrás Cultural, (São Paulo: Lacuna Filmes, s/d).

## Sexualidades e Poder

Michel Foucault é um dos autores que une a sexualidade à política, ao defender que a partir dos séculos XVII e XVIII “reina uma política do corpo”, quando este foi “*utilizado, quadriculado, encerrado, restringido como força de trabalho*” (CASTRO, 2009, p. 402) para responder às necessidades da sociedade capitalista emergente. “*Essa apropriação política do corpo busca extrair dele o máximo das forças utilizáveis para o trabalho, o maior tempo utilizável para a produção*” (Idem).

É esta luta pelo corpo a que faz com que a sexualidade seja um problema político. É incompreensível, nestas condições, que a sexualidade chamada normal, quer dizer, reprodutora da força de trabalho, com tudo o que ela supõe de rechaço das outras sexualidades e também de sujeição da mulher, pretenda mostrar-se como normativa. E é também normal que, no momento político que tende à recuperação do corpo, se encontrem os movimentos pela libertação da mulher, assim como pela homossexualidade masculina ou feminina (FOUCAULT, apud CASTRO, 2009, p. 402).

Falar de homossexuais na cidade de Leopoldina é, sobretudo, falar de corpo. Mais do que isso, este artigo se situa no que Foucault chama atenção acima, ou seja, como o falar da homossexualidade está implicado na recuperação de um corpo, ao mesmo tempo que se situa num movimento de libertação das homossexualidades. Um corpo que circula pela cidade de Leopoldina, que é identificado, que é falado, que é tomado como objeto de estudo, que se constrói em meio aos jogos discursivos que circulam na cidade. Escrever este artigo é uma forma de também escrever sobre esse corpo e de problematizar sua construção. Ao falar de homossexualidade e corpo, Foucault (1988) descortina a relação saber-poder que coloca a sexualidade em discurso como estratégia de controle: “(…), a partir do século XVII, mais que a uma repressão do discurso acerca da sexualidade, assistimos a uma extraordinária proliferação discursiva” (CASTRO, 2009, p. 325) que, somada mais tarde aos “discursos libertadores (da psicanálise e dos grupos minoritários, por exemplo)”, veio estabelecer novas formas de controle e sujeição. Assim, o exercício do poder de controle sobre o corpo do sujeito não se dá pela repressão, mas pelo estímulo em falar sobre eles e de produzir conhecimento e “verdades”. “Se o poder fosse apenas repressão, então, ele seria débil. Ele é forte porque produz efeitos positivos ao nível do desejo e do saber. O poder, mais que impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, apud CASTRO, 2009, p. 386).

Assim sendo, escrever um artigo sobre a constituição das homossexualidades na cidade de Leopoldina é entrar neste jogo de saber-poder, de constituição de sujeitos e corpos, enfim, é ato político porque se insere nesta “vontade de saber” ao dar voz, ao nomear um “personagem” detentor de sexualidade marginalizada, no intuito de pensar outros lugares possíveis. Pesquisas sobre homossexualidades nas cidades pequenas do interior do Brasil são praticamente inexistentes, como se homossexualidade fosse uma questão urbana e metropolitana. Pensá-la numa cidade grande é diferente de fazê-lo na cidade pequena, transforma-se numa realidade ainda por descobrir. Colocar essa construção sob suspeita implicava também na discussão de outros atravessamentos das identidades homossexuais, tais como raça, classe social e geração, que as tornam ainda mais plurais. Concentramos então em dois desses atravessamentos: o local (cidade pequena do interior) e a geração (dois grupos, com diferença média de 20 anos entre eles).

Em muitas dessas cidades do interior, como em Leopoldina, a homossexualidade é exercida (e só por isso já se constitui em resistência), mas não pronunciada, dificultando o entendimento das relações que se estabelecem na cidade e que nos possibilitam colocar sob suspeita a construção dos sujeitos e suas sexualidades. O fato de não ser debatida publicamente (muitos homossexuais talvez nem o queiram) já fornece um lugar às homossexualidades e aos homossexuais. Atribuímos significados a essa palavra e vamos nos “comportando”, mesmo quando ela sequer é mencionada, de forma que ela serve para estabelecer relações, ela diz da constituição dos sujeitos. O silêncio está ligado à censura e à restrição à fala (BUTLER, 2009). O silêncio, contudo, faz parecer não existir a questão. No entanto, o silêncio é parte do discurso, de forma que romper com ele significa redirecionar a discussão.

Se considerarmos que a restrição às sexualidades não heterocêntricas ocorre, mesmo nas metrópoles, onde as pessoas são mais anônimas, em localidades do interior do país ela costuma se apresentar potencializada.

*Se eu tiver alguma carícia diferente, com uma pessoa, em público, eu posso ter certeza que eu estou com o emprego prejudicado (DAVI, 27).*

*Sei que algumas pessoas jogam piada, (...) ficam jogando piadinha, inclusive colegas de serviço (GERALDO, 55)*

*Não modificou nada! O discurso ainda é o mesmo. As brincadeiras, geralmente, é o mesmo: é a questão de ser boiola. (...) A cidade é muito fechada. (ZECA, 44)*

*Eu ficaria com medo de ir [a uma festa gay, se houvesse, na cidade] por causa dos curiosos que ia ter lá dentro e depois nosso nome estaria na boca do povo. (ROBERTO, 19)*

*Aqui em Leopoldina, a cabeça é deste tamanho, (...) porque discrimina.*  
(RAUL, 24)

*A gente tenta vivenciar a parte sexual da coisa, mas a parte afetiva é muito difícil (...) [na cidade] não tem um lugar próprio.* (ZECA, 44)

*O casal [gay], anda um na frente, outro atrás, (...) são muito discretos.*  
(RAUL, 24)

Entretanto, a pesquisa revelou que, apesar de silenciada discursivamente, as práticas homossexuais são abundantes e diversificadas em Leopoldina.

*A maioria tão, eles, os garotos, eles tão chupando. Tão querendo nem saber se a gente usa camisinha...* (JAIR, 47)

*As gerações que estão vindo agora, elas tão muito mais propícias e abertas a isso de fazerem “isso”, não de assumirem “isso.”* (ZECA, 44)

*Eu já saí com um homem, já, que ele é lindo, bellissimo. Ele é todo mole, a voz toda feminina... Esse homem tem fantasia, ele falou comigo. A mala dele, atrás, (...) tinha coisa de ciganinha... ele falou que gosta. Ele e a mulher dele. Quer trazer a mulher para sair comigo. (...) Eu já fiquei com um padre, também. Eu não me vejo com ninguém, sabe por quê? Porque eu conheço muita gente. Cada dia um me liga. Cada dia um sai comigo. O que saiu antes de ontem sai depois de amanhã....* (RAUL, 24)

Muitos adolescentes e jovens que identificam em si desejos considerados desviantes, vivendo em sociedades onde há poucas referências, como a de Leopoldina, e ignorando a historicidade e espacialidade da “homossexualidade”, falam de um certo sofrimento, medo e culpa. Sofrimento que pode levá-los à depressão, à fuga para cidades maiores, ou ainda a tornarem-se adultos exercendo seus prazeres clandestinamente, escondidos e levando vida dupla (MISKOLCI, 2008).

*É comum, também, a gente saber, a cidade inteira saber de casos de um cara que teve um caso com um outro cara que é homossexual e é casado.* (DAVI, 27)

*Esse grupo que vai lá em casa, uns 5, namoram as meninas mais lindas de Leopoldina.* (JAIR, 47)

*A maior parte da juventude tá indo embora, quem tá ficando aqui são os mais velhos.* (ZECA, 44)

*Lugar nenhum. Por isso que nós vamos prá fora. (...) O refúgio dos gays de Leopoldina é ir pra Juiz de Fora.* (ROBERTO, 19)

Estudar Leopoldina, portanto, é procurar entender a relação entre cultura e subjetividades que constrói um universo homossexual sem referência para problematizar o discurso que sustenta o sistema sexual héterodominante e sem ampla visão de sexualidades alternativas.

*Tudo o que a gente quer é viver um grande amor. Só que depois a gente descobre que foi tudo em vão. (ZECA, 44)*

*Eu não acho ele gay. Todo mundo fala que ele é gay. Comigo ele não foi gay. Ele não parecia nada feminino. (...) Ele foi ativo. (RAUL, 24)*

*Eu tenho pena das garotas que namoram esses garotos lindos, (...) a maioria tão dando o rabo e chupando. (JAIR, 47)*

*As mais novinhas, elas estão misturadas entre... Você não sabe se aquilo é lésbica, se aquilo é piranha ou o quê que é aquilo. Porque se, ao mesmo tempo em que elas estão com homem, elas estão com mulher. Elas estão perdidas... (ZECA, 44)*

*O homem que está com mulher, e também sente prazer com um homem, eu intitularia como “bi” (DAVI, 27)*

*Há 20 anos atrás, eu acho, tinha era homem! (...) Sabiam que a gente tava lá era prá transar mesmo, (...) prá dar gostoso. Transavam muito, davam um show. Agora você chega hoje... [entonação irônica fazendo comparação com a passividade dos garotos de hoje] (JAIR, 47)*

Não se constatou, na pesquisa, uma vivência da homossexualidade a partir de grupos LGBTQTT constituídos. Até hoje, a cidade não possui estabelecimentos comerciais voltados para o público gay (nunca sequer houve uma festa gay), nem movimentos políticos organizados, como ONGs de defesa da cidadania homossexual e paradas do orgulho gay.

*Em Leopoldina, nem isso acontece. Porque nunca teve uma festa gay aqui. Quando fala, ninguém se propõe a ir. (ZECA, 44)*

*Eu acho que mudaria mais esse preconceito na cidade, tendo um movimento igual ao de Cataguases [MGC, ONG que promove a parada gay de Cataguases]. (ROBERTO, 19)*

São múltiplos os componentes que envolvem e relacionam as homossexualidades e cidade pequena do interior. Leopoldina e homossexualidades vão assim se tornando duas realidades que se comunicam, que se constituem, continuamente, a partir de suas temporalidades e espacialidades, que vão da cidade aos homossexuais e dos homossexuais à cidade, num processo de auto-construção e constituição de um tipo de subjetividade – o homossexual da cidade pequeno do interior de Minas. Enquanto realidade semântica, a homossexualidade pertence ao mundo da cultura,

portanto em contínua transformação e passível de construção e desconstrução, assim como a cidade de Leopoldina. Dessa forma, colocar sob suspeita o lugar que ocupa na cidade é uma forma de problematizar esse lugar, seu espaço, e pensar em possibilidades de ser e estar nessa cidade que alterem essa relação. E alterando o seu lugar na cidade, também altera o lugar da cidade.

*O pessoal que vai pra fora, volta com uma cultura diferente.* (GERALDO, 55)

*Eu sinto falta das atividades culturais, mas eu também sinto falta de que os gays participem delas. (...) Estou adorando o debate!* (DAVI, 27)

*Eu acho que faltam mais gays pra conversar com a gente.* (ROBERTO, 19)

*A gente não tem um espaço próprio da cidade pra poder fazer cultura* (ZECA, 44)

Neste sentido, vamos descortinar personagens que constituem as homossexualidades: a travesti, o gay assumido, o enrustido de casos esporádicos, o “espada” e ativo, a “passiva”, o profissional do sexo, aquele que veste “*espartilha amarela*” sob o terno, enfim, uma variedade que compõe as homossexualidades e a cidade. Muitas maneiras de um ser humano se relacionar afetivo-sexualmente com outro do mesmo sexo biológico e que aparecem nas transcrições das entrevistas: o “bofe”, a “biba<sup>3</sup>”, o “espada”, o casado que sai com a travesti, o que vende o corpo, o que se apaixona e vive relação estável e igualitária, o belo e jovem namorado que gosta de masturbar o “veado” etc., etc., etc.

Uma variedade de definições que é de domínio da sociedade de forma geral e que é difundida por diversos mecanismos tais como televisão, conversas em família, piadas, enfim, em atos performativos de constituição não somente das homossexualidades e dos homossexuais, mas também como parte da construção das heterossexualidades e dos heterossexuais (BUTLER, 2009). Um entendimento social de que o homossexual é aquele ou aquela que tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Um discurso mais centrado nas práticas, que nem mesmo se refere ao desejo e/ou afeto. Em outras palavras, homossexuais são os gays, “veados”, bichas, as lésbicas e “sapatonas<sup>4</sup>”, entre tantos outros rótulos pejorativos.

---

<sup>3</sup> Bofe, na gíria brasileira, é o homem que transa com homem, supostamente no papel de “ativo”; biba ou bicha, no mesmo contexto, seria o “passivo” e efeminado.

<sup>4</sup> Termo pejorativo para definir a homossexual feminina, atualmente abreviado para “sapa” e originado no tamanho do sapato masculino, geralmente maior e mais bruto que o feminino. Ressaltamos que a homossexualidade feminina é apenas citada, algumas vezes, neste trabalho porque, além de menos aparente e problematizada, necessitaria uma pesquisa ampliada, o que não se pretendeu. Cabe-nos informar ainda que foi convidado um casal feminino para a entrevista que, por algum motivo particular, não compareceu.

Classificação que surge bem cedo, ainda na infância, e que vem do “outro”. Algo que tem um sentido para os dois, agressão para aquele que classifica e ofensa para o que é classificado, enfim, um mesmo sentido de algo negativo para os dois. Isso aparece nas falas de nossos entrevistados, que incorporaram a classificação que lhes atribui uma essência homossexual, como na do Zeca<sup>5</sup>: *“quando o menino me chamou de veado, eu dei um soco na cara dele. (...) E sabendo que eu era. Mas a gente não podia ficar falando.”* Assumindo a identidade, Zeca a atribui a outros, disseminando e fixando o preconceito: *“a gente se aproximava de pessoas quase que iguais a gente, que também se escondiam, que hoje a gente descobre que é... por que que não revelou na época?”* A possibilidade de re-significação dos eventos, contextos e falas depende da distância entre sua intenção e origem e os efeitos que são capazes de produzir. Neste sentido, os eventos, contextos e palavras que foram silenciadas podem tomar nova força e serem capazes de desligar-se do poder de ferir e calar para serem re-contextualizadas de forma mais afirmativa e servir para outros fins se não esse de silenciar (BUTLER, 2009).

Para os dois meninos em confronto, a identidade homossexual está servindo para fixar lugares. A homossexualidade se transforma em algo absoluto, Zeca se transforma “no” homossexual. Um ato performativo que serve para construir tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade, em relação. Identidade e diferença num mesmo processo discursivo de enquadramento e relação de poder. Classificar Zeca como homossexual é, ao mesmo tempo, uma forma de dizer que ele é o “outro” diferente de mim. Por oposição, se Zeca é o “outro” homossexual, eu sou heterossexual. Identidades fixas – homossexualidade e heterossexualidade – e que precisam ser constantemente fixadas para existirem. Ambas acabam sendo construídas num jogo entre absolutização e hibridização. A homossexualidade passa a se sobrepôr a tantas outras possíveis identidades (músico, católico, “nerd”, aluno, etc.). Adquire uma função ‘pedagógica’, no sentido de modelo a ser evitado ou seguido. Vamos ensinando a ser homossexual, constituindo o sujeito, via dispositivos disciplinares, a partir do que Foucault chama de “regimes de verdade”. Verdade que revela “quem eu sou”, resultante *“de um variado processo discursivo que vai definindo meninos e meninas (...), construindo ‘posições de sujeito’ (...), forjando lugares (...), como fronteiras claras, vigiadas e, muitas vezes, intransponíveis”* (FERRARI, 2008-2009, p. 43), estabelecendo modelos hegemônicos e relações desiguais de poder.

---

<sup>5</sup> Os nomes que aparecerão são fictícios, preservando o anonimato. As falas estarão em itálico diferenciando-se das citações.

Essa verdade inventada se inscreve em algo que precisa ser revelada como aquilo que sempre existiu, como na fala do Zeca acima, mecanismo de reprodução de uma crença que mascara o poder instituído nos “regimes de verdade” hegemônicos e naturalizantes.

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros... (FOUCAULT, 1998, apud, FERRARI, 2008-2009, p. 43)

Partimos então do princípio de que a homossexualidade foi uma invenção da sociedade burguesa europeia do século XIX, uma realidade lingüística, portanto cultural e política, não uma essência ou fato natural. Não uma realidade objetiva e palpável, mas um conjunto de definições conceituais inventadas e que carregam consigo os preconceitos da época e as intenções político-econômicas da sociedade capitalista cristã.

De um adjetivo (práticas homossexuais), o homossexual foi transformado em um substantivo pela cultura cientificista do século XIX. Foi criado um ser, classificado a partir de seus desejos e práticas sexuais, a quem os médicos tentavam atribuir tais e tais características psicológicas, físicas ou genéticas, tais como a histeria masculina, as mamas proeminentes ou a fala efeminada. Houve mesmo uma data de fundação deste “ser”, ou da palavra que o designa, que também já citamos, mas que achamos por bem repeti-lo a partir da fala de outro autor:

Em 1869, Karoly Maria Benkert, um médico húngaro, inventa a palavra homossexual, para referir-se à pederastia masculina. (...) Na mesma direção, Westphal, em 1870, cria o termo de “sensibilidade sexual contrária”, que deu origem à tradução francesa de “inversão sexual”, para referir-se à alma ou à sensibilidade feminina dos homens invertidos. (...) O resultado foi a fabricação da figura do homossexual como uma alma feminina num corpo de macho. (COSTA, 1995, p. 173, 174 e 175)

A invenção da palavra é apenas um marco que nos permite constatar sua historicidade e espacialidade, ou seja, sua natureza cultural e política. É do

uso dessa palavra no bojo cultural de cada sociedade e do valor embutido nela que se constitui o saber que embasa as posições de poder sustentadas sobre preconceitos. As relações de saber-poder presentes nas palavras são constitutivas das mesmas relações na sociedade, pois atuam na própria estruturação do pensamento.

O heterossexual e o homossexual foram figuras morais normativas encarregadas de distribuir poderes e deveres sociais entre homens e mulheres, de um lado, e entre os bons e maus homens e mulheres, de outro. O vocabulário da bissexualidade nasceu comprometido com a discriminação. Foi constitutivo da repartição entre indivíduos moralmente aprovados e desaprovados. (...) A sexualidade foi classificada em tipos e sub-tipos porque já havia sido moralmente repartida entre o que deve e o que não deve ser; entre o desejável e o condenável. (COSTA, 1995, p. 290)

E é Foucault quem nos dá as ferramentas (arqueologia e genealogia<sup>6</sup>) para entender a história como uma construção lingüística, a partir das relações entre saber e poder, e que cada época produz seus saberes em função dos interesses do poder. *“E poder e saber se entrecruzam no sujeito, seu produto concreto”* (VEIGA-NETO, 2005, p. 157), operados e articulados pelo discurso.

### **“Em Leopoldina, cá prá nós, nunca vai ter uma definição”**

A fala título dessa sessão – “Em Leopoldina, cá prá nós, nunca vai ter uma definição” – nos convida a pensar a relação dos indivíduos com a classificação. Nomear é uma forma de existir (BUTLER, 2009). E o que vamos perceber é que, também na fala dos leopoldinenses entrevistados, não há

---

<sup>6</sup> A arqueologia está definida na primeira fase do trabalho de Foucault, especialmente em *A arqueologia do saber* e *As palavras e as coisas*. Para ele, ela “não se ocupa dos conhecimentos descritos segundo seu progresso em direção a uma objetividade”, mas “é uma história das condições históricas de possibilidade do saber”, “quer mostrar como a história (as instituições, os processos econômicos, as relações sociais) pode dar lugar a tipos definidos de discurso” (CASTRO, 2009, p. 40-41). O uso da palavra remete a “escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de idéias, conceitos, discursos talvez já esquecidos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 45), como bem se constituiu o primeiro capítulo deste trabalho. Já a genealogia vem de uma fase da obra de Foucault dedicada “à análise das formas de exercício do poder”, especialmente em *Vigiar e punir* e *Em defesa da sociedade*. Nas suas palavras, genealogia é “o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais”, permitindo “um saber das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, apud CASTRO, 2009, p. 186). Ela “estuda a formação, ao mesmo tempo, dispersa, descontínua e regular [dos discursos]” (idem, p. 185). Combinar as leituras arqueológicas e genealógicas, no contexto deste trabalho, veio permitir “examinar o conjunto de discursos que funcionou como condição de possibilidades para o surgimento” (VEIGA-NETO, 2007, p. 52-53) de Leopoldina e de seu cidadão homossexual, no séc. XIX, e sua história de mútua construção.

unanimidade conceitual acerca do homossexual. Assumir a classificação de algo que está em permanente negociação e construção revela toda angústia que isso pode causar, uma vez que vivemos numa sociedade que se organiza pelo enquadramento. Assim, a fala pode ser lida também como uma reclamação, como uma exigência de uma definição única em que todos se enquadrassem.

Se devido à herança de culturas diversas, em parte antagônicas, ou por não haver instâncias de debates ou grupos identitários organizados na cidade, responsáveis em última instância pela construção da imagem do homossexual “aceitável”, o certo é que há vários conceitos do que seja ser gay para o leopoldinense. Fato que vem corroborar com a assertiva da natureza política, cultural e lingüística da homossexualidade e vem ressaltar que, em locais onde não há uma produção sistemática de discursos (como o da identidade homossexual produzida em grupos gays), os cidadãos estão mais soltos para tecer suas próprias conclusões empíricas, segundo suas práticas.

Fazendo um aparte sobre o homossexual “aceitável”, é Ferrari (2005) quem nos ensina que as ONGs gays, ao empreender a luta política por direitos iguais, visibilidade e respeito para esse segmento, passando pela afirmação da identidade homossexual, acabam por estabelecer “*estilos valorizados da homossexualidade, (...) definindo um lugar para os homossexuais, enquadrando-os*” (FERRARI, 2005, p. 188). Em seu trabalho de construção da identidade, de definir a homossexualidade e o homossexual, trabalham com a idéia de “população” com desejos, comportamentos, ameaças e pensamentos específicos e assumem a tarefa de produzir discursos que regulem os próprios membros dessa “população”, definindo para eles “*o que pode e o que não pode, o certo e o errado, o valorizado e o desvalorizado*” (idem, p. 182). Essa regulação cria a imagem de um homossexual “aceitável”, que geralmente é aquele que não se transforma em travesti, que não é promíscuo, que não faz sexo em locais públicos, que não desmunheca, que se previne contra contágios e que, sendo discreto, mas fora do “armário”, assume relações estáveis nos moldes do casamento monogâmico heterossexual.

Uma fala menos influenciada pelos discursos oficiais das ONGs gays, já que inexistentes em Leopoldina, é a do Geraldo, o mais velho dos entrevistados e o que menos falou. Ele, inclusive, não se enquadra na maioria dos estereótipos atribuídos aos homossexuais pelo senso comum (como por exemplo: voz afeminada, trejeitos, exclusividade das relações com indivíduos do mesmo sexo, vestimentas características – roupa apertada e muito brilho – ou frequência a baladas):

*Você teve também essa experiência de namorar mulheres, quando era adolescente, na escola? [entrevistador] – Tive e até hoje eu tenho (...). Eu fui num analista conversar sobre isso e ele disse: não, isso é um momento seu, se você acha que está satisfeito com homem, você fica com homem, se você está satisfeito com mulher você fica com mulher! Depois que eu vim prá cá [Leopoldina] eu já transei com um monte, tive namorada aqui. (...) Minha mãe até falava: o cara que mais namorava lá em casa era eu. Tenho, tenho ereção, tesão por mulher, aprecio ver. (...) Isso aí me confundia a cabeça, é o que ele falou, às vezes a pessoa não sabe onde quer, o quê que não quer; eu fui parar no analista prá saber: onde que eu tô? (...) Até achava que era uma forma de esconder (...), por a namorada debaixo do braço para mostrar alguma coisa (...).*

*Em termos de relações estáveis, você teve mais com mulheres ou com homens? [entrevistador] – Ambos. (GERALDO, 55)*

Por se enquadrar em mais de uma categoria, a partir de sua orientação sexual, Geraldo entrou em conflito de identidade, pois não encontrou de um lado ou de outro (hétero/homo) um equivalente às suas práticas. Também não encontrou o discurso oficial produzido nas ONGs, fato que o levou a procurar um profissional para dizer-lhe “quem eu sou”, ou seja, em qual discurso me encaixo, comprovando o caráter construído da subjetividade e da sexualidade. Geraldo, ao não se reconhecer homo nem hétero, procurou construir processos de identificação num analista.

Individualizando-se na pergunta “onde que eu tô?”, passa por um processo de objetivação, ao ser visto (“eu fui parar no analista”) como um determinado tipo de pessoa, e de subjetivação, quando se vê como num jogo de espelhos (“prá saber”), isto é, a partir da ótica dos outros.

O indivíduo com suas marcas, seus símbolos, seus sinais particulares, suas idiossincrasias, se constitui por ações que tornam seu corpo como alvo (...). Quando meninos e meninas tornam-se sujeitos para si mesmos, a partir daquilo que os outros dizem a seu respeito, do modo como os outros expressam suas opiniões sobre eles, exigindo determinadas posturas, eles refletem sobre tais objetivações, o que transforma o movimento no que chamamos de subjetivação. (...) Saberes dando origem a objetos de conhecimento e às subjetividades. (FERRARI, 2008-2009, p. 42)

Geraldo deixa transparecer o quanto é importante nossa identidade sexual para a sociedade em que vivemos. Ele precisou ir a um analista para saber quem ele era, demonstrando que o que somos se relaciona ao sexo. Não ao sexo biológico, “*mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso*” (FOUCAULT, apud, FERRARI, 2005, p. 185). E ele também se apresenta diferente dos demais entrevistados por ser o único a assumir ter mantido relações estáveis na cidade.

De fato, ao referirem-se a seus parceiros sexuais, os entrevistados conflitam-se, demonstrando uma ampla possibilidade do que seja ser gay, ou uma confusão ao excluírem da classificação os seus parceiros. Quem então é o homossexual, senão também aqueles homens com quem se relacionam, passiva ou ativamente?

*É comum, também, a gente saber, a cidade inteira saber de casos de um cara que teve um caso com um outro cara que é homossexual e é casado. E a visão do homossexual é o passivo. Quem é homossexual e é declarado é passivo. Raras vezes a gente vai encontrar uma pessoa versátil. (DAVI, 27)*

*A maioria dos homens com quem eu saio são casados. (RAUL, 24)*

Nessas falas, observamos uma percepção de que é incompatível ser homossexual e ser casado e uma vinculação entre ser casado e ser homem (portanto não homossexual), clara reprodução da conexão entre sexo e gênero. Fica patente, contudo, que homens casados fazem sexo com outros homens. Mas, passiva ou ativamente?

*Quando você fica com homem casado, essa função de passivo e ativo, ele continua na função de ativo? [entrevistador] – Não. Muitas vezes ele quer ser mais passivo, mas tem que ser mais carinhoso. Já quer mais uma coisa diferente, quer carinho, às vezes. Às vezes não quer. Às vezes só quer ir lá pra conversar. (CHICO, 24)*

*Eles não se sentem viado, gente. (ZECA, 44)*

*É uma coisa de primeiro mundo, to te falando sério, mas é aquele passivo, comigo é passivo e ativo. (...) E a namorada é linda. É uma miss. (JAIR, 47)*

Observamos aqui que Leopoldina vem relativizar a regra apontada por Fry e MacRae (1985), no que eles chamam de “Brasil popular”, onde a distinção na distribuição de valores e poderes não está no binarismo homo/heterossexual, mas no ativo/passivo.

Ao passo que na fala do Davi o “*homossexual é o passivo*”, nas falas seguintes observamos que muitas vezes os casados, considerados socialmente heterossexuais, é que assumem papel passivo na intimidade. Vamos ver em seguida que as novas gerações leopoldinenses estão cruzando as fronteiras desse binarismo, mesmo que seja apenas na intimidade e de forma temerária quanto à AIDS:

*A maioria tão, eles, os garotos, eles tão chupando. Tão querendo nem saber se a gente usa camisinha. Eles não tão com esse negócio de camisinha, de AIDS... (JAIR, 47)*

*As gerações que estão vindo agora, elas tão muito mais propícias e abertas a isso de fazerem “isso”, não de assumirem “isso”. (ZECA, 44)*

Bem ao modo da sociedade hedonista em que vivemos, o prazer fala mais alto até mesmo que os preconceitos sociais, permitindo que as novas gerações pratiquem modalidades sexuais antes “proibidas”, mas sem assumir posição política de erradicação desses preconceitos, ou seja, ocultando suas práticas e mantendo um discurso heteronormativo.

Talvez por isso, devido a essa forma de hipocrisia ou de alienação, Adilson prefira um relacionamento entre iguais: “*com outra pessoa entendida*”. Raul, por outro lado, prefere as relações desiguais (“*com gay não*”) e se incomoda, perde mesmo o interesse, quando ficam em evidência os traços femininos de seus parceiros. Uma necessidade de conexão entre gênero e sexualidade:

*Eu prefiro ter um relacionamento com outra pessoa entendida. (ADILSON, 23)*

*Eu, sei lá, eu não acho que eu me relacionaria com gay não. Com gay, não. Eu não me vejo não. Só se eu não saber que ele é gay. (RAUL, 24)*

*Eu já saí com um homem, já, que ele é lindo, belíssimo. Ele é todo mole, a voz toda feminina... ah, não rola. (...) sei lá, eu não senti prazer nele. O homem, debaixo, estava com uma espartilha amarela, debaixo do terno dele. (...) Esse homem tem fantasia, ele falou comigo. A mala dele, atrás, (...) tinha coisa de ciganinha... ele falou que gosta. Ele e a mulher dele. Quer trazer a mulher para sair comigo. (...) Falou comigo: (...) “Eu gosto de ver alguém transando com ela”. (RAUL, 24)*

*Eu já fiquei com um padre, também. (...) Ele não era afeminado nem nada. (...) Também acabou, nunca mais rolou. Que eu vi que ele era padre, era afeminado, sei lá! (RAUL, 24)*

Sem perder de vista que o principal motivo da inclusão destes relatos neste momento é a desconstrução da “homossexualidade” nos moldes em que foi criada no século XIX e mantida nos discursos que chegaram até nós, ou seja, demonstrar a diversidade de relações sexuais possíveis e de subjetividades sexuadas incompatíveis com a imposição social do modelo único heterossexista, vejamos mais um pouco do que se apresenta como possibilidades de relação, ainda que num universo restrito de uma cidade do interior:

*Lá no posto mesmo, tem um caminhoneiro (...), ele tem um caso com um homem. Ele vai lá, dá mão dada e tudo. Lá na cidade dele, lá... é, Gramado, é bem liberal, sabe? (...) São duas pessoas maduras, 35 anos já, 40, assim, sabe? (...) Bem mais cabeça do que o povo aqui de Leopoldina... (RAUL, 24)*

*Principalmente aqui em Leopoldina, os caras tidos como héteros, na cidade, querem sair com gays a fim de algo em troca, sabe. Ou quer que você dê dinheiro prá eles, ou quer que você compre roupa, umas coisas assim. (ADILSON, 23)*

*Eu não pagaria também não, prá ficar com ninguém não. Eu acho até errado quem me paga, porque o bom mesmo é fazer por amor, por prazer. Igual lá no posto. Se eu to lá, lá, o pessoal cobra, então eu tenho que cobrar. (RAUL, 24)*

*Mas você busca o dinheiro ou o prazer? (ADILSON, 23) – Mais o prazer. (RAUL, 24)*

E os depoimentos continuam a oscilar entre relações igualitárias (“duas pessoas maduras”) e desiguais (“sair com gays a fim de algo em troca”). A condição desvalorizada do homossexual na sociedade o fragiliza e o coloca em condições de desigualdade na hora de empreender uma relação amorosa; já “o rapaz que desempenha o papel masculino e que poderia ser o parceiro sexual da bicha (portanto mantendo uma relação homossexual), é chamado de “homem” ou de “machão”” (FRY e MACRAE, 1985, p. 43), mesmo que na intimidade o papo seja outro, como vimos nas falas.

No encontro entre os dois, o gay e o bofe<sup>7</sup>, as relações de poder são desiguais porque a sociedade desvaloriza o primeiro e abre caminho para que o segundo inclua outros ganhos, além do próprio prazer, na relação. O dinheiro entra então para exercer duplo papel: uma vantagem a mais, numa sociedade

---

<sup>7</sup> Segundo o ABC dos gays, organizado pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), “os bofes são rapazes que transam com os gays e travestis mas que não assumem a identidade homossexual” (FERRARI, 2005, p. 186).

do mercado em que ele é o “deus”, e uma desculpa para o rapaz que não se admite desejando outro homem. Este também é o caso do michê, que “*garante a sua “masculinidade”, alegando que faz o que faz não por prazer (qualquer prazer na “passividade” o colocaria na categoria de bicha), mas sim por necessidade econômica*” (idem, p. 46). Na fala do Raul, pelo menos, é o prazer que é buscado em primeiro lugar. Entretanto, ressalte-se que ele não atua como michê, mas como travesti.

Numa sociedade conservadora como a de Leopoldina, essas relações desiguais entre iguais (mesmo sexo) predominam por serem mais clandestinas e efêmeras. As relações estáveis, mais aparentes, ficam mais difíceis de emplacar aqui do que, por exemplo, em “Gramado”, onde, segundo Raul, o povo é “*bem mais cabeça do que o povo aqui de Leopoldina*”.

Mas, diante de tanta controvérsia, o que é mesmo ser gay? Retornando ao tema focal deste tópico, é possível estabelecer uma identidade única do homossexual?

*Então a questão do gay pra você...[entrevistador] – é ser afeminado. Mas se ele gosta de mulher também, prá mim ele não é gay. Igual um homem que saiu comigo uma vez. Ele queria provar, prá ver se é bom ou não. Ele gostou. (...) Eu sou ativo, ele é passivo. (RAUL, 24)*

*A gente é diferente. Eu, por exemplo, não jogava uma bola, na educação física gostava de ficar mais sentadinho, sempre usei short curto... (ZECA, 44)*

*Menino que não joga bola não é menino, na nossa época, né, vão falar assim... Ficava mais dentro de casa, usava shortinho mais curto (...), mais apertadinho. Queira ou não queira a gente gesticula; o jeito da gente gesticular, de conversar, um jeito mais mole, né? (...) E eu acho uma coisa muito importante (...) é o jeito com que eu tratava as pessoas. Eu sempre fui muito delicado com o tratar com situações e pessoas. E o menino já não é, não pode ser delicado. Porque às vezes a gente até brinca: ah, sujeito não é veado não, sujeito é educado. (...) Esse jeito delicado e educado diferencia a gente, que a gente já é mais carinhoso... (...) mania de falar “ai meu querido, meu amor”, joga beijo... (...) esse gesto que a gente faz de carinho, de delicadeza é que diferencia, que as pessoas vão notando que a gente é diferente. Porque na hora de uma cama mesmo, nem sempre a gente faz papel de veado, gente! (ZECA, 44)*

Até aqui podemos apontar uma característica básica do homossexual no imaginário do leopoldinense e responder parcialmente às perguntas acima: a identificação do homossexual com a efeminação. O gay seria um homem exercendo papéis sociais tradicionalmente atribuídos ao feminino, isto é, descompasso entre sexo biológico e gênero.

Este senso comum local está afinado com a definição do homossexual dada pela ciência novecentista européia e com o que Fry e MacRae observam no chamado “*Brasil popular*”, onde “*o menino é chamado de “bicha” não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é “efeminado”*” (1985, p. 43).

Podemos ainda perceber outra evidência: a eficácia do discurso hegemônico na constituição do sujeito homossexual de Leopoldina quando ele se entende como “*diferente*”. Apesar de se constituírem de um corpo biológico de homem e fazerem na cama o mesmo que seus parceiros, diferindo apenas por serem “*educados*”, usar “*short curto e apertadinho*”, falar “*mole*”<sup>8</sup> ou não “*jogar bola*”, eles assumem a posição do “*diferente*”, do “*outro*”, do “*homossexual*”. Posição que os coloca em desvantagem social e que é forjada pelos discursos que circulam na sociedade, a partir da família, escola, igrejas e a mídia em geral.

Como nos ensina Ferrari, “*para que o homossexual e a homossexualidade existam é necessário dizer o que é ser homossexual, de forma que esses discursos produzam sua natureza*” (FERRARI, 2005, p. 187). Afinal, segundo Costa, “*somos o que dizemos que somos ou o que nos disseram que somos ou deveríamos ser*” (COSTA, 1995, p. 36).

Voltemos à viagem conceitual do homossexual na cidade e observemos que a resposta às tais perguntas sobre uma identidade que o define torna-se vaga. Vamos encontrar um vasto espectro de tipos, desde um comportado conceito de bissexualidade, passando pela fixação masculina no falo, pela relação entre iguais e pelos novos comportamentos mais próximos do *queer*, até uma constatação de que “*nunca vai ter uma definição*”:

*O homem que está com mulher, e também sente prazer com um homem, eu intitularia como “bi”, independente da sensação que ele tivesse com outro homem. Passivo ou ativo, ele ta tendo o prazer com duas partes diferentes.*  
(DAVI, 27)

---

<sup>8</sup> “Mole” é um adjetivo utilizado por pelo menos dois dos entrevistados (Raul e Zeca) para definir o jeito do homossexual, mas gerou estranheza entre os demais entrevistados que não o tinham como referência. Curioso é que a “mollicie” aparece associada aos “putos” e “sodomitas” em um “Dicionário da língua portuguesa” de 1813 (GREEN, 2000, p. 63 e 111).

*Se eles vêem que o pênis da gente é maior, eles ficam loucos. (JAIR, 47)*

*O homem gosta de sexo. E o gay nada mais é do que um homem, com algumas diferenças, mas... são dois homens que gostam de sexo. (DAVI, 27)*

*Entre duas pessoas “entendidas”, rola muito mais sentimento, sabe? Eu acho! (ADILSON, 23)*

*Acabou essa condição de ser viado. Hoje existe, criaram até o nome da geração hemo. São os hemos: que ficam com meninas e ficam com meninos. (ZECA, 44)*

*As mais novinhas, elas estão misturadas entre... Você não sabe se aquilo é lésbica, se aquilo é piranha ou o quê que é aquilo. Porque se, ao mesmo tempo em que elas estão com homem, elas estão com mulher. Elas estão perdidas... (ZECA, 44)*

*E, cá prá nós, nunca vai ter uma definição. Igual um homem que chega prá gente e fala: ah, minha mulher não faz sexo anal; ah, minha mulher não faz sexo oral bem. Entendeu? Então é relativo essas coisas. (RAUL, 24)*

Embora a conceituação do homossexual para o leopoldinense seja tão diversa quanto a subjetividade de cada entrevistado, podemos perceber uma tendência a identificá-lo com efeminação e passividade, excluindo os másculos e ativos que fazem sexo com homens, o que também entra em sintonia com a visão dos médicos e autores brasileiros da primeira metade do séc. XX. Segundo Green, enquanto que para a maior parte dos sexólogos europeus “*um homem era considerado homossexual se houvesse feito ou desejado fazer sexo com outro homem, independentemente das fantasias ou práticas específicas que levasse para a cama*” (GREEN, 2000, p. 238), para os médicos brasileiros da época, “*homossexualismo masculino*” era associado “*com modos efeminados e passividade anal no sexo*” (Idem).

Os escritores brasileiros estavam de acordo quanto à existência do pederasta “ativo”, bem como do “passivo”, como fizeram Viveiros de Castro e Pires de Almeida na virada do século, mas a ênfase estava no indivíduo que se ajustasse mais de perto às representações tradicionais da mulher na sociedade brasileira, ou seja, o homem efeminado que, segundo as aparências, era receptivo no ato sexual. O parceiro “ativo” presumivelmente possuía características masculinas e, logo, não compartilhava da mesma essência homossexual fixa típica do homem

efeminado. Essa adaptação de teorias européias ao entendimento local do homoerotismo pode ser a explicação para o fato de o modelo do homossexual baseado na escolha do objeto sexual não ter se tornado uma construção disseminada no Brasil nesse período, como sugeriu Ford (GREEN, 2000, p. 238).

Mais uma vez temos exemplo de que a ciência pode também ser uma crença, produtora de “verdades”, sucessora das religiões na sociedade capitalista burguesa. Lembrando que *“verdade, como disse Rorty, retomando Dewey e James, é uma crença da qual não temos, no momento, nenhuma boa razão para duvidar”* (COSTA, 1994, p. 120).

Não é o caso da “verdade” da homossexualidade, produzida pela ciência moderna, do que há muitas razões para duvidar, principalmente quando se entende a finalidade político-econômica da sociedade capitalista que a criou e se percebe o sofrimento de tantos seres humanos em que essa “verdade” foi colada (até mesmo literalmente, pelos nazistas, com o símbolo do triângulo rosa).

Essa variante conceitual brasileira, percebida na sociedade leopoldinense até hoje, talvez se deva à ausência de produtores de discursos “oficiais” (das ONGs gays), ou outros discursos de resistência, sobre a homossexualidade na cidade, o que permite aos indivíduos uma reprodução de discursos do passado, ainda presentes no imaginário coletivo, quase sem sofrer interferências críticas.

Green, ao estudar o sistema de gêneros brasileiro *“que divide os homens que se envolvem em atividades homoeróticas em duas categorias – o homem (o homem “verdadeiro”) e a bicha”* (GREEN, 2000, p. 27) e não de acordo com a escolha do objeto sexual, o avalia como derivado e espelho da oposição binária e hierarquizada homem-ativo/mulher-passiva, baseado nas diferenças anatômicas dos corpos masculino e feminino. Segundo ele, há evidências de que, no país, *“uma subcultura de homens efeminados e não-efeminados que desejavam e mantinham relações sexuais com outros homens existia antes da introdução das idéias médicas da Europa Ocidental sobre a homossexualidade no fim do século XIX”* (idem, p. 31).

E Fry complementa, afirmando que *“em algum momento dos anos 60 uma nova identidade sexual surgiu”*, menos hierarquizada e *“baseada mais numa escolha do objeto sexual do que em papéis de gênero”*, a partir dos *“homossexuais masculinos de classe média nos centros urbanos brasileiros”*

(idem, p. 29). Fry e Green acreditam que essa outra percepção da homossexualidade, “semelhante à identidade gay que se desenvolveu nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940”, hoje adotada pelas ONGs gays, fruto das idéias médicas européias do séc. XIX e que passou a coexistir com a antiga visão ativo/passivo, no Brasil e entre nossos entrevistados, deve-se à urbanização, expansão da classe média, movimentos da contracultura e influências internacionais.

### **Considerações Finais**

Dar voz a dois grupos de homossexuais de faixa etária distintas, moradores da mesma cidade do interior de Minas, é uma forma de colocar sob questionamento os atravessamentos entre idade e cidade pequena na construção das homossexualidades masculinas. Assim, é possível perceber e emergência da homossexualidade como algo concernente às pessoas jovens, numa vivacidade que é entendida pelos entrevistados mais velhos como próprio da idade. Contudo, a questão não define o lugar da homossexualidade a uma faixa etária, mas problematiza a identificação da homossexualidade como algo próprio dos jovens. Neste sentido, os dois grupos colocam em circulação um entendimento das homossexualidades relacionado à “sua” verdade identitária, servindo para responder à questão “quem sou eu?” A homossexualidade passa a ser entendida como um segredo do meu desejo.

Nesse sentido, homossexualidade está servindo muito mais para aprisionar, numa identidade absolutizada e fixa, do que para libertar. Há uma dificuldade, que os entrevistados compartilham, de estabelecer novas relações que poderiam apontar para a modificação na relação com os outros e com a cidade, a partir das homossexualidades. Temos dificuldade de deslocar a questão das homossexualidades das perguntas quem sou eu? que lugar ocupo? e qual o segredo do meu desejo? para outra que gire em torno das relações: como as homossexualidades podem estabelecer outras relações, consigo mesmo e\ou com aqueles com os quais me relaciono? Assim sendo, o que as falas dos entrevistados nos apontam é a necessidade de avançar sobre uma ascese homossexual, como defende Foucault, que nos levaria a um trabalho sobre nós mesmos, no sentido de propiciar a invenção de novas maneiras de ser e de viver que ainda são improváveis. Aos poucos, as homossexualidades vêm perdendo essa potencialidade inovadora e de vanguarda para forjar uma nova sociedade baseada em outros padrões de relacionamento, por uma aproximação com o modelo heteronormativo.

Durante a pesquisa, convivemos com pessoas que tinham a coragem, a dignidade, a honra, o desafio e o sacrifício de combater na própria existência a sua negação, dizendo com os seus corpos, comportamentos e códigos que as homossexualidades são algo em constante construção. Numa cidade sem um produtor oficial de discursos sobre homossexualidade, vimos que as práticas são as mais diversas, mesmo que os mais jovens tendam a identificar o *gay* com o que faz sexo com alguém do mesmo sexo e os mais velhos, com o que é passivo. Nesse campo conceitual frouxo e experiencial rico, podemos pensar nas homossexualidades como instrumentos para diversas formas de relações, variadas maneiras de se comportar, que são individualmente moduladas. Por isso, é perigoso pensar nas homossexualidades no singular, como algo homogêneo. Pelo que vimos, é preciso pensar a construção das homossexualidades masculinas em meio a um jogo, como um jogo de força e de poder, identificando: que forças compõem esse jogo? o que se pode jogar? e como alterar e reinventar esse jogo?

## Referências

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores (tradução Ingrid Muller Xavier). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. A ética e o espelho da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: Boletim do Museu Nacional, Nova Série. Rio de Janeiro: Antropologia no. 27, maio de 1978. P. 1-9.

\_\_\_\_\_. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dário. Homens. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

FERRARI, Anderson. “Esses alunos desumanos”: a construção das identidades homossexuais na escola. In: Educação & Realidade v.28 n.1. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 2003.

\_\_\_\_\_. Identidades, diferenças e currículo: gênero e sexualidade em debate. In Educação Inclusiva: direito à diversidade – Cadernos do Professor ano XV. Juiz de Fora, Secretaria de Educação: Concorde Editora Gráfica Ltda., 2008-2009.

\_\_\_\_\_. “Nem cabeleireiro, nem enrustido”: estudo sobre a construção da identidade homossexual. Monografia. Curso de especialização em Sociologia Urbana. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1998.

\_\_\_\_\_. “Quem sou eu? Que lugar ocupo?” – Grupos Gays, Educação e a Construção do Sujeito Homossexual. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. UNICAMP. Campinas. 2005.

FIGARI, Carlos. @s “outr@s” cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007c.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

GALLO, Sívio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GEERTZ, Clifford. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GREEN, James Naylor. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, James Naylor e TRINDADE, Ronaldo. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GUIMARÃES, Carmem Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

MISKOLCI, Richard. Ascensão e queda. In: Revista Mente e Cérebro: Sexos a trama da vida. São Paulo: Duetto Editorial, 2008 a.

\_\_\_\_\_. Vidas em segredo, In Revista Mente e Cérebro: Corpos feitos de desejo . São Paulo: Duetto Editorial, 2008 b.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPENCER, Colin. Homossexualidade: uma história. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a educação. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005 e 2007.

\_\_\_\_\_. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In COSTA, Marisa Vorraber (org.) A Escola tem Futuro? Rio de Janeiro: DP&A, 2006.